

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--20 de Outubro-1927

**5 TOSTÕES**

**2.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**74**



sempre  
**five** *semanario humoristico*

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TÉL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

Angela Capelo

**JORGE BARRADAS**



*J. Valença*  
Ao seu colega  
e amigo  
Jorge Barradas

ou um «barra» que está na barra e enche a «burra» com o papel que barra





## Os ditos da semana



Ha 17 anos fundou Joaquim Guerreiro a *Satira*, belo jornal de caricaturas, que teve a vida efêmera de tres numeros, não porque não merecesse o favor do publico, mas porque, como quasi sempre succede, o seu proprietario julgou que, tratando-se de um jornal para fazer rir, a sua administração era tambem uma brincadeira. Tudo á matroca, sem ordem, sem metodo, sem disciplina... E a *Satira* morreu.

O que não morreu foram algumas amizades sãs que por lá se criaram.

Frequentavam a casa, João Bastos, Valença, Alberto de Sousa, Carlos Simões, Menezes Ferreira, Forjaz de Sampaio, Leal da Câmara, Alfredo Candido, Stuart Carvahais, Luiz Ortigão Barnay e um garoto loirinho, planta de estufa que nunca tinha apanhado sol, com uns olhos de azul *ultramar*,—um garoto imberbe, que já dava agua pela barba a muitos homens com barba na cara.

Fazia bonecos e corava. Corava quando se lhe dizia uma piada ou quando se lhe fazia um elogio. Dirigir-lhe a palavra era quasi afronta-lo. A sua pele branca, daquela daquela branco aveludado da pele das donzelas casadoiras, tingia-se de vermelho, com tanta facilidade, que a gente chegava a ter a impressão de que o petiz tinha levado á cara as mãos sujas de tinta vermelha.

Não sei se chegou a desenhá sentado nos joelhos dalgum camarada. O que posso afirmar, é que foi amimado como um menino da familia, ou como um cãosinho de estimação. Mas, apesar da sua fragilidade, que fez com que o João Bastos lhe chamasse um dia *comprimido de desenhador*—aquele garoto era um

homem, e era um artista—era o Jorge Barradas.

Cresceu e tem aparecido.



Marang desapareceu. Passou a fronteira e nunca mais ninguém o viu. Isto que é muito simples, parece ter espantado muita gente.

Marang tem o condão de nunca estar onde é preciso, mas, por outro lado, tem tambem o mau sestro de se meter onde não é chamado. Marang é um simbolo e tem o poder de se transformar em pessoas e coisas. Desdobra-se e metamorfosea-se, principalmente quando tem que atravessar fronteiras.

Atravessa-as sob a forma de documentos falsos e de falsos personagens. Atravessa-as, em forma de nota de banco, dentro de malas diplomaticas. Atravessa-as disfarçado em homem de bem, recebe homenagens e benesses, jantares e condecorações, e, quando um dia se descobre que é um tratante, tratá de se pôr ao fresco, escoando-se, escor-

regando como uma cobra, depois de ter largado a peçonha.

Emquanto o não condenaram como criminoso, andou na Haia, á vista de toda a gente: Estava preso á necessidade de se defender.

Mas quando chegar o momento de ser preso, Marang estará em plena liberdade, gosando as delicias de uma lei que se fez, partindo do principio de que os condenados vão, gostosamente, meter a cabeça na guilhotina.

Marang parece-se extraordinariamente com as notas que mandou fabricar: antes de ser descoberto, tinha livre circulação em toda a parte; descoberta a burla, retiraram-no da circulação. E, como as notas do Angola e Metropole, pagamo-lo por bom.



Apareceu Nossa Senhora no buraco da parede de um collegio na Povoia de Varzim. Viram-na, toda coberta de estrelas, o professor e as criancinhas.

O caso é estranho, embora

## Caras unhascas...



... unhascas e amigas do «Sempre Fixe»

o poder de Deus seja imenso, porque estas coisas costumam succeder somente nos sitios onde ha agua. Lourdes e Fátima são exemplos flagrantissimos. Agora dentro dum collegio, é caso que dá que pensar.

Desde que uma aparição sobrenatural se dá, as aguas tomam virtudes curativas, que arrastam milhares e milhares de devotos doentes, a tomar contacto com a divindade, tomando as aguas mais ou menos salobras. É uma fonte de receita, quando não seja uma fonte de curas.

Ha quem tenha a opinião de que Nossa Senhora quiz aprelitar o collegio e chamar frequencia ás suas aulas, mas tambem ha quem diga que ela teve o cuidado de aparecer na parede, justamente ao pé do contador da agua, para lhe dar qualidades terapeuticas. Se assim é, realmente, a coisa explica-se, e só é de lamentar que o sr. Carlos Pereira não esteja na graça de Deus, porque talvez as aguas da Companhia corresse e em abundancia e não trouxessem o bacilo da febre tifoida. Mas, infelizmente, na Companhia das Aguas não ha aparições nem ao menos da cristalina linfa que a gente bebe.



Um gatuno que diz chamar-se Luiz Gonçalves de Brito, roubou dum estabelecimento de Paris, dois braceletes de valor. Perseguido á moda das fitas americanas—lois taxis, um em perseguição do outro—foi preso.

Na policia declarou-se estudante de direito. Se realmente são verdadeiros os dois factos, este gatuno anda a fazer tirocinio para Deus, que Deus é o unico ente capaz de andar direito por linhas tortas.

## GAROTOS NOSSOS AMIGOS

# Deixem rir os (Sempre Fixes)

## O ardina é um simbolo

Vocês já viram nesta terra de madraços gente que mais labute do que os «Sempre fixes» dos jornais? essa garotada sem eira nem beira que anda por ahí a vender as folhas na gandaia baralhada das ruas, exemplo vivo de trabalho que dispõe bem, vergonha constante da chateza que define a neurastenia snob da nossa idade?

Podem procurar á vontade, que não encontram, nem mais completo nem mais perfeito. O ardina é um simbolo; o ardina é o «Sempre fixe» da vida lisboeta, como nós somos os «Sempre fixes» da vida nacional. Uns e outros constituimos, por muito que os gatos pingados das atitudes graves resmunguem o contrario, o contra-veneno indispensavel da choringuice do nosso tempo,

— São coisas muito sérias! Não vai a maré de feição para brincadeiras e risos! — sentenciam os senhores conspicios dos catés, a futurar desgraças na roda viva dos agouros e na pasmacceira dos boatos segredados.

E a gente desata a rir á gargalhada; e os ardinias, que são cá da confraria, desatam

a rir tambem, de tanta sisedez, que mais não seja para reduzir ás suas justas proporções a pose funeraria dos basbaques.

Aqui ha dias estava um grupo de sorumbaticos a cochichar coisas tetricas na Brasileira, por causa do emprestimo que, segundo se diz, anda a ser negociado algures, pelo governo, com um grupo de penhoristas, ou como deva chamar-se mais propriamente aos da banca internacional. Que era um cataclismo; que parecia impossivel; que assim, que assado, que frito, que cosido...

O ardina achegou-se para vender o «Sempre Fixe» e surpreendeu na conversa este fragmento de pasmosa incoerencia:

— Isto vai de mal a pior. Estou farto de me ralar para arranjar dinheiro, e nem á mão de Deus Padre descubro quem m'o empreste. Tenho tudo no prego... o Evaristo, nem com juro dobrado... Emprasta-me tu duas coróas para pagar o café.

Pois, só porque o ardina se permitiu a liberdade de achar graça, o inimigo do emprestimo chamou-lhe um nome



*Olhos abertos á espera que abra a casa da venda*

feio que não anda no vocabulario das pessoas de bom tom!

A nós acontece-nos o mesmo. Quanto mais burros são os criticos, e quanto mais razão a gente tem para se rir, mais se arreliam connosco os da neura profissional.

Vai outro exemplo:

Andava um sujeito a flunar no Chiado, com uma jaleca de meio curto e umas calças de dar a dar.

O «Sempre Fixe» deparou com aquilo e estacou, a rir do maricas.

—E depois, se uma pessoa fala...

—Oh seu fedelho: o que tem lá agora o tu com as calças?

—Tem que é pelas calças que se conhecem os cus que levam dentro!



Como querem vocês, em boa verdade, que se tome a sério esta enorme chuchadeira, se nós já chegamos ao ponto de ter de considerar o Pinheiro Maluco como o homem mais sensato desta terra? O que lhes falta a vocês todos é precisamente o recurso se saber rir como ríem e

brincam os ardinias; e a coragem de trabalhar como eles trabalham, de sol a sol, fazendo da vida um moirer que não cança, fazendo da alegria um estímulo que nunca mais fraqueja.

Então sim, que eram todos «Sempre fixes», e isto levava uma volta para a banda da prosa séria.

Até lá, tenham paciencia, mas creiam que não é com o vosso verso, por muito que o agitem e alambiquem, que vocês metem a geringonça nos eixos.

*Nota em «post-scriptum»* — Os bonecos que ilustram esta pagina foram feitos e sentidos por um artista de raça, um artista de verdade que se chama Jorge Barradas, e que tem o privilegiado condão de saber ver com olhos de gente, a figuração colorida das ruas neste desvaio de civilização que se chama a Lisboa dos nos sos dias.

E' dele, do seu lapis consagrado, esta pagina de poucas linhas em que a prosa só serve para legenda das gravuras.



*Emquanto a rotativa vai e vem, folgam os ardinias*

**Bric-á-Brac****... sed lex**

«Na travessa de S. Sebastião, á Praça das Flores, foi ontem multada uma senhora, que mora a poucos passos da residencia do sr. tenente-coronel Ferreira do Amaral, e que sacudira uma toalha para a rua.

O caso foi presenciado por varias pessoas e ainda se faziam comentários, a proposito, quando, a uma das janelas da residencia daquele illustre official surgo uma criada sacudindo, tambem, uma toalha... Da parte das pessoas, que assistiram á scena, houve sorrisos significativos para o guarda da Policia.

Mas, este não esteve com meias medidas, como soo dizer-se. Sacou do canhenho, subiu as escadas da residencia do comandante e multou-o, como dono da casa onde havia sido cometida a infracção, em 72\$00 escudos de multa...

(Dos jornais).

E' digno de aprovação  
Este severo rigor,  
De se empregar, sem excepção,  
A lei que rege a nação  
Seja lá contra quem fór.

Este guarda vigilante,  
Entendo que, só por isso,  
Deve ser no mesmo instante  
Louvado p'lo Comandante  
Numa ordem de serviço.

Li a noticia, e gostei  
Destes exemplos morais:  
Mas agora o que eu não sei  
E' se é o rigor da lei  
Extensivo a tudo o mais...

A Musa, desconfiada,  
Teme que isto se dê só  
Quando uma pobre criada  
Sacuda um pano do pó  
Do alto duma sacada...

Na multa desta sopeira  
Ha um simbolo evidente:  
Será aquilo a maneira  
De virem deitar poeira  
Por sobre os olhos da gente?!

**Bailarinos...**

Nicolas anda a bailar  
Num constante corropio,  
E diz que sem descançar  
Podrá rodopiar  
Trezentas horas a fio.

E o povo de Portugal,  
Com grande estupefacção,  
Acha muito original  
Que um homem por fórma tal  
Consiga ganhar seu pão.

Quem é que desde oriança  
Diz que á luz seus olhos alva,  
Nest. existencia descança,  
Se esta vida á uma dança,  
E, por vezes, bem macabra?...

V: depressa esta verdade  
Quem sou espirito concentre:  
Que anda toda a Humanidade,  
Por triste necessidade,  
Bailando a dança do ventre!...

João Fernandes.

**Sortes grandes?**  
só o PINA as vende  
75 -- Rua de S. Paulo -- 77

**Quem empresta  
não melhora**

O emprestimo é um contrato bilateral de caracter provisorio e temporario, em que uma das partes contratantes se compromete a restituir á outra o todo ou parcialmente, segundo a convenção ou acôrdo estipulados.

E' claro que o emprestimo inventou-se para não ser pago.

Quem pede emprestado é porque precisa e quem empresta é porque tem para emprestar. Emprestando porque possuia uma reserva, um superfluo que não foi afectar o capital acumulado. Ao emprestar, se é a juros, viu-zou gananciosamente a uzura, o aumento desse capital, tripudiando miseravelmente com a necessidade, com a affição, com a angustia. Se o emprestimo é sem juros, tem em mira a prestação de qualquer serviço em troca.

Em resumo: Não se devem pagar os emprestimos, para não aumentar a legião dos usurarios, avarentos, argentarios egoistas e interesseiros.

E' até um serviço que se presta á Humanidade. E' um capital que se esgalbou por diversas fórmas e que não foi engrossar os fundos do agiota. E' uma teoria que tem Beleza, Moralidade, Estética; é pratica e socialista! Abaixo o capital dos outros!

Isto dizia H. Pito Frazão, que só tinha *frases grandes* e que era, como auto dramático, um dos mais cultos elementos da *Parceria dos Vapores* Lisbonenses.

H. Pito possuia uma bela casa em estilo D. João VI como eu nunca vi. Era um verdadeiro Museu, mas recheado de objectos originalissimos. Ti-

na uma infinidade de colecções. De borboletas, relógios, gravatas, bengalac, bacias de cama, moscas (incluindo a *Tzé-Tzé*), mosquitos (não faltando o *aro feliz* Bermudes), toda a especie de massas alimenticias (desde o macarrão até á pevide), contas de todas as fórmas e côres (inclusivé as do Porto), berimbaus, botões de ceroula, *sandwiches*, caveiras, bilhetes de electrico, freios de cavalos (lá estava o Freio-Luis de Sousa). Emfim. Seriam precisos muitos linguados (tambem tinha linguados *pregados* na parede), para descrever a variedade quasi infinita de objectos extravagantes do Museu de H. Pito.

E a biblioteca!

Ocupava um salão todo em estilo Luis Galhardo. O tecto era uma maravilha, trabalhado em recortes delicadissimos, mais parecendo rendas de Alençol.

Desde os autores antigos aos contemporaneos, tudo ali se encontrava e os livros encadernados em percalina Demool. Até havia livros de Zig-Zig!

Uma vez, fui procurar H. Pito para que me emprestasse um livro de Horas certas e ele respondeu-me:

—Tem paciencia, menino. Eu sou muito avesso a emprestar livros.

—Tens medo que eu t'o não restitua?

—Não é isso. E' que esta biblioteca toda que tu aqui vês foi feita com livros emprestados...

M. A. Caco Velho.



—... e queria tambem um ramo de flôr de laranjeira.  
— Isso é artigo que já se não usa, minha senhora.

**BOM HUMOR**

—Desejava fazer uma surpresa ao meu noivo. O que me aconselhas, Fanny?  
—Nada mais simples! Diz-lhe a idade de que tens...

\* \* \*

—Como? Dez contos por um terreno que tem apenas dose metros de largo e oito de comprimento?  
—F tu sabes quantos tem de profundidade, meu estúpido?

\* \* \*

—Vamos por outra rua. Aquele cão não nos larga.

—Não tenhas medo. Tu sabes bem que cão que ladra não morde...

—Sim... eu sei, mas ele sabê-lo-ha?

\* \* \*

—Daria cem mil francos para vos ouvir...

(O grande tenor inclina-se extremamente lisongeadamente, enquanto o outro remata:)

—...Ha dez anos que sou surdo como um peixe.

\* \* \*

E'a:—Que idade me dá? Sua mulher diz que tenho 28; sua filha não vai além dos 30.

—30 dum lado... 28 do outro... Sim, deve estar na conta.

\* \* \*

—Como? O senhor deixa a sua filha dançar com aquele individuo? O dia que acaba de estar cinco anos na cadeia!

—Miseravel! Tinha-me dito apenas dois...

\* \* \*

—O que penso do casamento, minha senhora?... E' um cesto onde ha uma cobra e vinte víboras. O candidato mete a mão no cesto com a esperanza de cair sobre a cobra.

\* \* \*

A mulher, acordando em sobressalto:—Ooh! Aah!

O marido, aflito:—Que tens tu, minha filha?

A mulher:—Nada! Sonhava que os band'os nos atacavam, no momento em que estava com o Julio Silva...

O marido:—Mas quem é esse Julio Silva?

A mulher:—Não o podes conhecer. Foi-me apresentado durante o sonho.

\* \* \*

—Convidas-me hoje para jantar em tua casa?

—Não... amanhã!

—Porquê, amanhã?

—Porque amanhã não estou em casa...

**Distracção**

—Então tu não vais ao enterro do teu amigo?  
—Esta vez não.



## O relógio roubado

No escritório dum advogado apareceu certo dia um homem acusado de ter furtado um relógio.

Repelia ele, cheio de indignação, a acusação que lhe era feita e negava-a com tanta veemência que convenceu o advogado da sua inocência.

Advogado e cliente compareceram no tribunal, sendo o advogado dum tanto grande eloquência que, com a sua defesa, o réu foi absolvido, mostrando-se mesmo o delegado satisfeito com a sentença.

No mesmo dia, depois do julgamento, recebeu o eloquente defensor a visita do seu cliente.

— Senhor doutor, disse ele, V. Ex.<sup>a</sup> prestou-me um grande serviço; venho agradecer-lhe e ao mesmo tempo pedir um conselho.

— Que conselho? Diga...

— Eu me explico: sabe V. Ex.<sup>a</sup> que eu fui acusado de ter roubado um relógio, o que o senhor doutor provou que não era verdade, como realmente o não era de facto; mas desejava saber se posso ser condenado, pelo motivo de agora usar o relógio.

— O quê? Você tem o relógio?

— Tenho-o sim, senhor doutor!

— Então você afiançava que não o tinha roubado?!

— E não o roubei, não, senhor doutor!

— Então como é que você o tem?

— O dono da relojoaria é que teve a culpa — interrompeu inocentemente o homem. — Sobre o relógio tinha posto um grande letreiro em que se viam estas palavras: «Boa Ocasião!» Eu sómente a aproveitei, porque efectivamente não havia melhor ocasião para obter um relógio tão barato...

## AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (à Estafania)



O solteiro: — Que util deve ser uma mulher quando a gente pensa em ir fazer uma viagem!



— Olha lá, oh Tomás, vê bem onde bates por que eu hoje trago o chapéu de côco.

# Nova Paineleida

OU

## A guerra dos paineis

Sala dos reservados da Biblioteca

Investigador Bragança, hamletico, scismando absorto sobre um «in-fólio»:

Ser ou não ser! Eis a questão! Se é falso,  
Com talento andei eu adivinhando.  
Mas lá se é verdadeiro, é um precalço  
P'ra me andar toda a vida atormentando.  
E que dirão os sabios? Que dirão  
Tantos mestres e doutos paleógrafos,  
Que mudam facilmente a opinião  
Como em animatografos,  
Mudam os quadros p'ra mudar a acção.  
Que dirá Azevedo — o grande sabio  
Que distila, solene, do seu labio,  
Em cada hora, uma interpretação?  
Ser ou não ser, eis a questão!

(Sae e vai a Braga)

Azevedo Técnico, levantando a cabeça de cima do codice.

Obrigam-me a falar! Estou perdido,  
Encravado, tramado pelo loio!  
Ai que eu, sabio de lei, estou vendido,  
Sou um triste e fugaz bibliotecario  
Que caiu como cai qualquer saloio  
No conto do vigario!  
Eu sei, eu vi o documento augusto  
E acheio-o bom, porque ele é bom de facto,  
Mas, depois de tamanho espalhafato,  
— Pobre de mim — ganhei tão grande susto  
Que até respiro a custo  
É a minha pobre mente não descança,  
Imaginando vêr, em frente a mim, o busto  
Feroz e ameaçador do Zé Bragança.  
Mas que querem que eu diga? Eu digo tudo!  
— Ai meu Deus, não ter eu nascido mudo.

Morgado de Freire de Andrade, transmudado em ferro-velho, brandindo no ar o gancho das pesquisas e investigações heraldicas.

Falai. Falai. Dizei toda a verdade...

Azevedo Técnico, de cabelos em pé, hirto quanto possível:

Que pretendeis de mim, João de Pita  
Barbosa de Morgado e Freire Andrade,  
Se a verdade de ha muito já está dita?  
A carta é boa, a carta é verdadeira,  
Tão boa que jamais a deixarei  
Voltar á sua antiga prateleira.  
Com mil chaves no cofre a fecharei.

A porta aparece o Investigador Bragança com um canudo debaixo do braço, de regresso de Braga.

Azevedo Técnico, alucinado:

A carta é falsa, eu sempre o tenho dito;  
É falso o documento,  
Nem mesmo eu acredito  
Que houvesse frades loios nem convento,  
Nem creio que haja cartas nem paineis.  
Palavras leva-as o vento,  
Cartas loias são papeis.

Loureiro Catarino de Alpedrinha entra desgrenhado, brandindo as provas tipograficas do seu livro.

Traição! Traição! Achar um documento  
E não m'o dar a mim, que ando pescando  
Nas mesmas aguas, é crime nefando  
Que não posso calar nem um momento!  
Traição! Traição! Traição! É lá possível  
Tão barbara e cruel calamidade,  
Que um homem que não é Freire de Andrade  
Descubra um documento irrespondível?  
Quem pode crêr em tal? Quem acredita  
Que, sem ser De Loureiro, qualquer Pita  
Saiba ler e entender aquela carta  
Ha mais de quatro seculos escrita?  
Ah! Pita, Pita, que me diz te parla!...

Abel Moreno.

## Elevador da Gloria

Durante uma semana, sem interrupção, Nicolás dançou. Dançou de dia, dançou de noite, dançou quando devia comer, quando devia dormir, com a mulher dele, com as mulheres dos outros, sózinho, ao som do piano, do gramofone, da grafonola, com orquestra e a seco. Nicolás, no dia 11, tinha percorrido a pé 480 quilómetros. Como vêem, foi muito andar sem sair do mesmo sitio—exactamente como o caranguejo. Para vencer um record, soou por todos os poros. Durante esse tempo podia ter ganho milhões, mas preferia não os perder, porque devagar se vai ao longe. O fenomeno estonteante não deslumbrou o Zé-Povinho, não lhe deu mesmo volta ao miolo, já de si bastante transtornado. A sua resistencia é invulneravel. Tem assistido a mil e um records sem espanto e quasi sem dor, embora eles lho tenham saído da pele e das algibeiras.

Vamos enumerar — e a estatística está longe de ser completa, nos assuntos e cifras — os varios compenatos dos ultimos tempos. Como os de 1910 para lá são muito antigos, contentamo-nos apenas com os que vieram depois do ano celebre.

Record das revoluções. Danças da Luta, da Bica e dos bicos.

Record das estradas. Danças automobilisticas, com todos os passos: desde a valsa lenta, em passagens dificeis, até ao charleston de furar os pneus ás damas mais dificeis e com melhores resguardos.

Record dos ministerios, efectuada no grande dancing do Terreiro do Paço. Como no tempo antigo, uma quadrilha com muitos pares e de marcas extravagantes.

Record dos parlamentos. A' esquerda—jazz-band de pretos, na questão dos tabacos; ao centro, a polka com qualquer cavalheiro do lado, contando que ele desse o sim para a governança; á direita, o minúete dos conservadores em grande estilo, com uma dama muito pintada e velha, a monarquia.

Record dos empregos, das demissões, das dissoluções, etc., etc.

E por aqui ficamos, modestamente. Ora digam lá que o nosso Zé-Povinho não é melhor dançarino que o Nicolás? Com uma diferença pequena — pequenissima. Um ganha para dançar; o outro perde para vêr dançar os outros. Ha um ponto, porém, em que são iguais, perfeitamente iguais, como os irmãos siamezes. E' este: Nicolás percorre 480 quilómetros, sempre no mesmo sitio; o Zé-Povinho ha 17 anos que não passa da cêpa torta.

Este record vale bem o outro. Garantia-lhes que é o primeiro da Europa e talvez o unico — no mundo!

## Sortes grandes?

só o FINA as vende  
75 - Rua de S. Paulo - 77

## Mudança dos tempos



D'ANTES



AGORA

## FRUTA DO TEMPO

## manhã, às 11 horas

Moncada era o «mais habel» agente da Polícia de Informações, segundo diziam os colegas, o o «mais sagaz», como elogiosamente diziam as garotas.



Verdade é que o Moncada tinha fama de esperto e se gabava de nunca ter deixado fugir um preso. Quando um delinquente se propunha fugir ao Moncada, apanhava mocada curta e... acabava sempre por desistir...

Ele merecia bem o epíteto de sagaz. Na corporação não havia outro como ele para seguir um indivíduo. O «Argus» da Mitooça e o «Argus» do Diário de Notícias ficavam, ao pé dele, a perder de vista.

Por isso, os chefes, os colegas e a imprensa diziam:

—O Moncada, o mais «habel», o mais «sagaz»...

\* \* \*

Quando na policia, nos cafés e nas redacções, toda a gente esperava a centesima revolução, foi o nosso agente chamado ao chefe da brigada a que pertencia e que lhe disse:

—Atenção, Moncada! Vamos ter mais uma revolução na rua... Recomendando-te muito olho e muito faro...

Ao ouvir isto, o nosso homem dispôs-se a levantar uma pista e, com todos os cinco sentidos apurados, embora o chefe só lhe tivesse recomendado dois—a vista e o olfato—veio para a Baixa disposto a encontrá-la,

quando á porta da Brasileira do Rossio se lhe deparou um individuo com cara de caso.

O desconhecido, ao chegar aí, parou e dum grupo dispararam-lhe... a seguinte pergunta:

—Então para quando?...

—A'manhã, ás 11. Vocês não faltam!...

E, dizendo isto, o nosso homem, sempre com cara de apoucado, distribuiu uma meia dúzia de apertos de mão e pôs-se a caminho, com o Moncada sempre na cola, que, emquanto de orgulho, dizia para consigo:

—Nunca me enganou! E' para amanhã o rebenta ás 11 horas... Já o não perco do olho...

Depois de deixar o grupo, o homem passou por um lugar de hortaliça e gritou para dentro:

—Conseguiu o meio cento das laranjinhas?

Ao que alguém respondeu:

—E das mais pesadas, que são as melhores. Eu mesmo li-as vou levar a casa...

—Bem! obrigado...

—Sempre é amanhã a coisa:

—Não passa de amanhã, custe o que custar...

E o homem continuou o seu giro, sempre com o «sagaz» agente á perna, que monologava:

—Percebi tudo!... Cincoenta bom-



bas, nada menos!... O que vale é que estás apanhado...

Depois, o homem entrou ainda numa pastelaria e disse para o empregado:

—Juntem mais dez cartuchos aos outros...

—Sempre é amanhã, ás 11?...

—Sem falta. E não é sem tempo, está tudo preparado...

O Moncada, «habel» agente, aqui teve outro sorriso de triunfo. Assim ia sabendo: a revolução era ás 11 horas. Os cartuchos deviam ser para «pingarda»...

Nisto, o desconhecido revolucionário entrou numa tipografia e pediu os impressos. Deram-lhe um pacote, que meteu debaixo do braço e continuou o seu caminho.

O «habel» agente repetiu o sorriso das ocasiões felizes e disse, falando com os seus botões:

—Não ha que ver. São as proclamações... Ele deve ser o chefe revolucionário... Que bom serviço...

\* \* \*

Entretanto, o nosso homem, sempre com cara de caso, lá trepou á sua residencia, um quarto andar na rua dos Fanqueiros, enquanto o Moncada, á porta, estudava a forma de fazer o relatório:



—Percebi tudo. A revolução é amanhã, ás 11 horas. O amor honra en-

comendou as bombas, os manifestos, os cartuchos e andou a fazer as ligações... E' com certeza o chefe do mo-



vimento, que é radical-democrático, porque esteve tambem a fazer alianças á porta da Brasileira... You mas é telefonar para o Governo Civil e prendo-o antes que fuja...

\* \* \*

Dai a pouco, o «pique» do Governo Civil cercava a residencia do nosso homem, que foi conduzido a um dos commissarios do serviço, a quem, por entre lamentações e improprios, se explicou assim:

—Eu vou-me casar amanhã, ás 11 horas. O que disse aos meus amigos, á porta da «Brasileira», foi a convidá-los. Ao homem do lugar encomendei mais laranjas para a boda e ao da mercearia mais dez pacotes de «suspiros», bolos, que a minha noiva muito gosta. A tipografia não fui buscar manifestos, mas sim as participações de casamento...

«E é agora, que eu ia ser tão feliz, que os senhores me prendem...

\* \* \*

E foi esta a vez primeira que o Moncada, «habel» o «sagaz» agente, se enganou...

Costa Junior.

**GRANDE GARAGE UNIÃO, Lda**  
A unica que passa melhores acomodações a preços reduzidos  
Venda de oleos, gasolina e accesorios  
Officinas para todas as reparações  
Rua Visconde de Santarem, G. G. U.  
ao Auco do Cego) Tel. 994 N.



—Porque não quer você sair um bocadinho de tarde comigo?

—O medico proíbe-me os exercicios violentos.



Correr para a vida, para fugir á morte

**!! Não queira ficar assim !!**

USE A **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 6900

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.  
R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D.-Lisboa



—Não podes calcular o calor que fazia na Curia. Imagina que até o lago secou e os peixes se apanhavam á mão.

—Ora, aqui ainda foi pior. Calcula tu que o sol era tão quente que o camarão apanhava-se já cosido...

CANÇÃO NACIONAL

**FADO DE BRAGA**

**Mote**

*Braga, cidade imponente,  
tem a agua do Sameiro  
e na terra boa gente,  
á excepção do sapateiro...*

**Glosas**

Quem um dia tór a Braga  
fica quêdo, absorto e mudo,  
o se a vires p'r'um canudo,  
verás a cidade-maga.  
Do que tem nada se estraga  
porque pela fé fremente  
todo o Povo ali é crente,  
por ter do céu a miragem,  
sendo p'la sua paisagem  
*Braga, cidade imponente!*

Tem do clero nas entranhas  
um tão precioso az,  
o arcebispo primaz  
que é também o das Espanhas.  
Tem nas industrias façanhas,  
p'lo trabalho o são obreiro,  
que, tal qual um formigueiro,  
o seu esforço mais reluz.  
Tem um altar no Bom Jesus,  
*tem a agua do Sameiro.*

Tem a beta laranja da  
do paladar saboroso,  
o vinho verde espumoso,  
mais a cosinha afamada.  
Tem a tr' abaixo...—pra lá  
que não é coisa decente.  
Tem no sacrosanto ambiente  
muitos sinos a tocar,  
chaminés furando o ar  
e, na terra, boa gente...

Tem um teatro-circo meste  
e, no vulgo, o divertido  
tradicional apelido  
de um fulano ser Lourenço...  
Mas em uma coisa eu penso:  
é que o S. João Galhoteiro  
deixe que lhe assem o carneiro  
quando ali ha, na verdade,  
gente de moralidade,  
*á excepção do sapateiro.*

Reporter B.

**CHIC**

**Praça dos Restauradores, 20**  
Telefone N. 3361  
Magníficos almoços á Franca:  
JANTARES E CEIAS  
**Optima canja — Bife á Chic**  
(especialidade)  
**Esplendido café**  
Escolhida frequencia



—Aqui tem duas receitas. Uma para minha mulher e a outra para a vaca.  
—Estão prontas daqui a 1 hora.  
—Por Deus, não se engane. O lho que é o melhor vaca que tenho.

**IR AO EDEN...**

**DOIS DEDOS DE CONVERSA**

Ir ao Eden é uma coisa natural. Vulgarmente pergunta-se: «Vais ao Eden?» E a gente vai ou não vai, segundo a disposição em que se encontra.

Pois é verdade! Ontem fui ao Eden... Apecei-me ao portão, subi a escada, não vi a criada nem falei ao porteiro, e sem querer apanhei-me lá dentro, entre tantos papéis, que me esqueceu aquele que devia desempenhar.

Eu, que tinha ido ao Eden para entrevistar José Climaco, empresario, e José Romano, autor, que são duas pessoas distintas mas uma só verdadeira, sentei-me, acendi aquele cigarro que se acende em todas as entrevistas, puxei as três fumaças do estio, as fumaças de jornalista experimentado, e, apesar de toda esta *mise-en-scène*, é claro que não fiz sombra de entrevista. Consegui arranjar a sombra dela, com lingua de perguntador e um raminho de salsa a enfeitar, uma *mayonnaise* complicada de ideias e temperos. Não tracei a pena: estou em crêr que fiz uma careta e que lhe pedi que me falasse a rir.

José Climaco vai fazer o possível. —O que pensa da futura época teatral?

—Penso... nada!  
—Mas nada... absolutamente nada?  
—Sim. Nada... coisa nenhuma.  
—E da peça que vai montar?

—Dessa penso tudo e mais alguma coisa... para outras que se lhe seguirão...

—E quais são os autores que tenciona fazer representar?

—Aqui, José Climaco sente-se muito empresario. Faz uma pausa e, depois de ter dado três ou quatro voltas á imaginação e outras quatro á volta da secretária, não sei se á procura do homem das calças pardas, respondeu-me com uma serenidade de ilha e volta:

—Talvez uma peça da «Pareira... dos Vapores; Lisbonenses...»

—So lho é possível, diga-me o que pensa dos autores das «Roxas de Portugal».

—Exactamente o mesmo que pensava antes de colaborar comigo.

—E mantem boas relações com toda a familia teatral?

—Boas relações com uns e muitas relações com outros...

Nesta altura, batem á porta. Será chuva?... Será vento?... Será gente?... Chuva não é, certamente, porque a chuva, quando bate, não vem pedir adiamentos... Afinal era gente.

Depois desta ligeira interrupção, atamos o fio á meada e continuou-se assim:

—O que me diz V. da crise de trabalho em teatro?

—...Que ando aflito á procura de dois artistas... e não os encontro!

—Qual é a *estrela* da sua companhia?

—A actriz que mais agrada ao publico...

—É o seu az?

—Não gosto dessas coisas...

—Tem *girls* no seu corpo coral?

—Ainda não, mas em vista do sucesso dos toiros de morte, resolvi contratar oito *boys*... É uma compensação.

—Tenciona exhibir o nú artistico?

—Nú vou eu ficar se a peça cair...

—Tem confiança no publico?

—Conforme... Os que pagam são todos muito meus amigos... Os outros, os que pedem *borlas*, são geralmente pessoas pouco amáveis...

José Climaco começa a tomar balança, mas, antes que ele me diga alguma verdade daquelas que valem uma sova bem puxada, aconcheguei eu o travão com uma pergunta de algebrista:

—Gostava mais de ensaiar ou de ser empresario?

—Eu lho digo. Com o *Cubar de Morangos*, gostei muito de ser empresario; com outras, preferia ser apenas ensaiador, e com a proxima escolherei a profissão que mais me agrada.

—Já foi alguma vez a Paris?

—Não senhor. Fui o ano passado ao Senhor da Serra, e parece-me que podemos ficar por aqui...

—Ao Senhor da Serra? Afinal não me disse nada de novo!

—Ora essa! Então, acrescente: vou representar uma revista que é quasi um drama; vou abrir um teatro na altura em que muitos vão fechar, e, para terminar, posso garantir-lhe que o Antonio Carneiro, o Silva Távares e o José Romano trabalham para conseguir as *Rosas* sem um entrêo para o Climaco.

—A ultima pergunta: Quer dizer bem de alguém?

—Agora estou muito ocupado... Venha depois... Mais tarde... Por enquanto é cedo...

Sai e, uma vez na rua, alguém me pergunta:

—Vai ao Eden?

—Não vou... Já fui!

Como se vê, ir ao Eden é a coisa mais natural deste mundo...

**Vaseo de Matos Sequeira.**



**ELE: — Você este ano não tomou banho?**  
**ELA: — Eu, não. Tinha vergonha de me apresentar d' «maillot».**

**UM, COMO HA MUITOS**

**D. CALINO II**

Simplicio é assaz conhecido no Porto. Pertence ao numero daqueles que souberam bem aproveitar a época da guerra, vendendo pela cotação do ouro e que não passava de autentica sucata. Possuidor, por tal meio, duma abastada fortuna, adquiriu um soberbo palacete: os arredores da cidade, onde, por algumas tardes de verão, oferecia um chá a pessoas do seu conhecimento. A esta reunião orgulhava-se ele de chamar o seu *torqueto* que.

A sua instrução corria parilhas com a sua ignorancia, sendo talvez este ultimo pormenor que o tornou celebre nos meios tripeiros, onde o cognominaram de «prototipo da asneira nacional».

Certa ocasião, viajava Simplicio num carro electrico. A seu lado sentava-se uma senhora das suas relações, com quem aquelle ia martendo amena cavaqueira. E como quer que tão *dustra* dama se referisse ao inverno rigoroso que então fazia, Simplicio, concordando, exclamou:

—Lá isso é verdade, minha senhora. Este tempo torna os pees intransitaveis.

Simplicio tinha muito doente sua sogra. Esta, conhecedora da gravidade do seu estado, chamou o genro e manifestou-lhe desejos de receber os ultimos sacramentos. Simplicio não se fez rogado; mandou immediatamente chamar um sacerdote e duas horas depois já a enferma havia sido atida.

Nesse mesmo dia, alguém que encontrou Simplicio interessou-se pela marcha da doença. Logo Simplicio, pressuroso, responde:

—Est. muito mal e não escapá. Pois s'até já foi mugida...

Em determinado local da Avonida da Boavista, e enquanto aguardavam o carro, conversava Simplicio com algumas pessoas. Alturas tantas, pergunta-lhe um delas:

—Então não vai este ano para as Caldas?

—Não—respondeu ele—porque os preços dos hotéis esto muito exaltados...

Simplicio, como não podia deixar de ser, abraçou mais do que as suas forças o permitiam a carreira da politica.

Filiado em varios centros, fazendo, a seu modo, propaganda dos seus ideais, bom depressa o seu nome alcançou aquella popularidade que o apanaggio dos pobres de espirito...

No centro X... realizou-se uma reunião. Simplicio acciste e, no uso do seu legitimo direito, pediu a palavra, que lhe foi concedida. Escusado seria dizer que, enquanto a sua voz se fez ouvir, a assistencia se manteve sempre na mais retumbante hilariedade, mercê dos conceitos filosoficos... de galinheiro com que o orador mimoseava.

No dia seguinte, determinado jornal, fazendo a reportagem da referida reunião, comentou com certas amabilidades, cheias de verve e de ironia, o discurso de Simplicio. Este, porém, não o compreendeu assim porque, ao tomar conhecimento das referencias pessoais que lhe faziam, dirigiu-se a um dos amigos e disse-lhe:

—Has de lê o jornal... tra-la-ua *randê* vu á minha pessoa...

**Barão das Tripas.**



—Oiga, mestre, o sr. comprometeu a tirar-me o dente?  
—So me comprometeo. (A mulher) Oh! Catarina, fecha a janela.



— Não compreendo como tu, gostando tanto de aviadores, foste casar com um chauffeur.  
— Oh filha, é que mais vale um passaro na mão do que dois a voar.



— Então a vizinha acredita que, estando ela nua, ele lhe tivesse dado um tiro à queima-roupa?...



— Estás hoje muito caricativo!  
— Que queres, levei toda a noite a beber vinhos generosos.